

## **Pesquisa social e fontes orais: particularidades da entrevista como procedimento metodológico qualitativo**

Marcelo Cedro<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo irá apresentar, de forma introdutória, a entrevista como um dos procedimentos adotados pela metodologia qualitativa na obtenção de fontes orais para a pesquisa social, tendo em vista sua conexão com a memória, com a história de vida e com a seleção de temáticas específicas. Além disso, sustenta-se que os depoimentos particulares fornecidos pelas fontes orais se inscrevem em possibilidades de interpretação de processos coletivos e representam formas de interação social entre entrevistado e entrevistador. Serão ainda destacadas algumas possibilidades metodológicas utilizadas e modelos sociais investigados pelas Ciências Sociais ilustrando a diversidade de esferas nas quais se compõem o mundo social, sobretudo, reafirmando a importância das metodologias quantitativa e qualitativa como procedimentos que se complementam e não se opõem.

**Palavras-chave:** Pesquisa Social. Metodologia qualitativa. Fontes orais. Entrevistas.

**Abstract:** This article will present, in an introductory way, the interview as one of the procedures adopted by qualitative methods in obtaining oral sources for social research, from the point of view of its connection to memory, with the life history and with specific themes selected. Moreover, it argued that the private testimony provided by oral sources subscribe themselves in interpretation possibilities of collective processes and represent social interaction forms between interviewer and interviewee. It also be highlighted some methodological possibilities and social models investigated by social sciences illustrating the diversity of spheres in which they constitute the social world, in particular, reaffirming the importance of quantitative and qualitative methodologies and procedures that are complementary and not opposed.

**Keywords:** Social Research. Qualitative Methodology. Oral sources. Interviews.

Este artigo tem como objetivo apontar algumas considerações sobre a oralidade como um dos procedimentos metodológicos qualitativos empregados pelos pesquisadores das Ciências Sociais ao se utilizar de entrevistas e de depoimentos para investigar o objeto de pesquisa.

Inicialmente será realizada uma breve discussão introdutória sobre as Ciências Sociais através de alguns de seus direcionamentos, métodos e objetos. No segundo momento, será destacado como as fontes orais se enquadram nos métodos qualitativos da pesquisa social científica.

Na intenção de atingir esses objetivos propostos, o referencial teórico utilizado se baseou no raciocínio de Raymond Boudon (1989), Tim May (2004), Maria Luisa Tarrés (2004) e Sílvio

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Ciências Sociais pela PUC Minas. Professor Assistente do Centro Universitário UNA (Belo Horizonte). E-mail: marcelocedro@hotmail.com

Colognese (1998) para enunciar a reflexão sobre as Ciências Sociais e sua metodologia. Já para a leitura específica sobre as fontes orais, os autores Howard Becker (1999) e Lucília Neves (2006) foram importantes sustentáculos.

### **1 A teoria social e os desafios do método**

As Ciências Sociais se ocupam de múltiplos objetos e variadas atividades e o *status* científico a elas atribuído deve-se em grande parte à utilização de metodologias e de teorias para o desenvolvimento da pesquisa empírica. May (2004) alerta para que teorias, ética, valores e métodos não sejam considerados tópicos distintos e desvinculados do mundo social no qual o pesquisador esteja inserido.

Boudon (1989) classifica os múltiplos enfoques atribuídos à pesquisa social, especificamente, a Sociologia. Destaca os objetos de estudo que priorizam as sociedades globais a partir da análise de suas mudanças e dos seus sistemas sociais. Nesse sentido, demonstra – a partir dos exemplos de Weber, Durkheim, Sorokin, Lévi-Strauss, Parsons dentre outros – as possibilidades metodológicas qualitativas e quantitativas utilizadas para essa categoria de pesquisa. Também sinaliza do interesse pelo estudo dos segmentos sociais, cuja pesquisa investiga o “complexo formado pelo indivíduo e pelo campo social em que ele atua” (BOUDON, 1989, p.10). Segundo o autor, tendo como foco o indivíduo, essa categoria analítica se utiliza, metodologicamente, da sondagem de opinião na observação de comportamentos e atitudes articulados aos interesses sociológicos como, por exemplo, as pesquisas de comportamento eleitoral. No entanto, essa metodologia de análise é criticada de associal por “considerar os indivíduos como abstrações artificialmente dissociadas de seu ambiente social” (BOUDON, *op.cit.*). Ele aponta que esse rótulo de associal se inscreve nas pesquisas que não situam o indivíduo em seu meio, tratando-o isoladamente. Outra categoria de pesquisa privilegia comunidades, grupos e instituições como objetos de estudo das Ciências Sociais. Desde então, o método etnográfico, no qual “o sociólogo se coloca numa posição de observação participante” (BOUDON, *idem*), pode ser utilizado para pesquisar seu objeto a partir de uma visão interna daquele grupo. Vale ressaltar que – na pesquisa social – a escolha da metodologia utilizada deve ser articulada com o objeto estudado e com o problema construído e não tão somente com as

preferências pessoais do pesquisador. Nessa perspectiva, admite-se a existência de limitações nas metodologias sendo, portanto, pertinente ampliar os procedimentos e caminhos empíricos.

Boudon (1989) aponta que os métodos sociológicos percorreram “falsas querelas históricas” desde a instituição moderna da disciplina no século XIX até a contemporaneidade. Uma dessas polêmicas se remete à utilização do conhecimento intuitivo na relação do pesquisador com seu objeto. Como o pesquisador poderá decifrar o que simbolizam as ações e comportamentos sociais? A seleção do que é significativo para ser compreendido é atribuída ao pesquisador que também reside no meio social. A controvérsia reside na distinção entre a compreensão e a explicação. A sociologia compreende e a ciência natural explica. No entanto, Boudon sinaliza que a utilização exclusiva do método compreensivo pode resultar em visões equivocadas e limitadas. Indica que o método explicativo pode ser também utilizado nas Ciências Sociais, conforme assim o demonstra: “explicar um fenômeno social qualquer é sempre fazer dele o resultado de ações e de comportamentos que é preciso compreender. Por certo, esses princípios são, conforme o caso, de aplicação mais, ou menos, difícil” (BOUDON, 1989, p.17).

Vale destacar ainda que, devido à subjetividade e aos atributos emocionais do pesquisador, a sua metodologia não deveria ser delimitada? Boudon (1989, p.18) demonstra que “os comportamentos de nossos atores, por mais carregados de subjetividade que sejam, podem ser traduzidos numa linguagem da qual desaparece completamente essa subjetividade”.

Desde então, de forma sintética e inicial alguns pontos discutidos por Raymond Boudon sobre a multiplicidade de procedimentos e modelos sociais podem ser aplicados e utilizados pelas Ciências Sociais. Atribui a isso à diversidade de esferas nas quais se compõem o mundo social. Nesse sentido, torna-se necessária a utilização de metodologias variadas e que se encaixem ao objeto da pesquisa e ao problema a ser investigado.

Sob essa perspectiva, Tarrés (2004) enuncia que a pesquisa social deve ser abrangida pela “tradição” científica. A autora esclarece que o sentido de “tradição” não se enquadra na oposição ao racionalismo ou à inovação, tampouco se associa à rotina ou repetição conservadora, mas sim:

La idea de tradición que utilizaremos se referirá a la persistencia en el tiempo de un sistema de ideas y prácticas organizadas por reglas y rituales de naturaleza simbólica, tácitas o explícitas, orientadas a inculcar ciertos valores y normas de conducta producidos en determinados grupos o en las sociedades (HOBSBAWM apud TARRÉS, 2004, p.35).

Desde então, são procedimentos que norteiam a análise e a crítica na pesquisa científica. No entanto, essa discussão implica maior complexidade e amplas controvérsias na medida em que as normas e preceitos analíticos são utilizados conforme interesses em jogo, isto é, “también influye la fuerza sociopolítica de los agentes y las agencias que participan. Pese al consenso alrededor de los valores y normas que organizan el campo de la ciencia, en su desarrollo histórico-social también se entremezclan conflictos de poder” (TARRÉS, 2004, p. 38).

Nesse sentido, discussões acaloradas orientam internamente as Ciências Sociais na busca pela tradição científica e por metodologias adequadas e viáveis conforme o objeto de estudo escolhido. As polêmicas se expressam pela utilização das metodologias quantitativa e qualitativa. Questionam-se os dados estatísticos pelo excesso de objetividade e pela frieza de análise, cujos números e cálculos vendem e impressionam. Também a metodologia qualitativa é acusada de limitada objetividade e por beirar à ficção na medida em que se aprofunda em suas análises.

Un asunto que durante las últimas décadas ha estimulado un debate de gran interés porque se relaciona con una crítica fuerte a la corriente cuantitativa vinculada con los paradigmas positivos o neopositivos, refiere justamente al asunto de la pertinencia de los métodos cualitativos para conocer la realidad social (op. cit, p. 39).

Dessa forma, essas discussões recaem na inflexibilidade analítica e no dogmatismo metodológico ao enunciar que as duas metodologias de pesquisa percorrem caminhos opostos e dicotômicos. Todavia, este artigo não pretende priorizar ou aprofundar esse debate, mas compartilhar da afirmação de Tarrés (2004, p. 55) que vislumbra:

Que la realidad social no es ni cuantitativa ni cualitativa. Son los valores, las definiciones y convenciones implícitos en los supuestos paradigmáticos, en las perspectivas teóricas o en las formas de encarar el conocimiento de lo social, los que definen en última instancia la opción cuantitativa o cualitativa.

Outra discussão que vale ser destacada remete-se aos papéis desempenhados pela teoria e pela pesquisa empírica. É a teoria que norteia o caminho da prática ou é a pesquisa de campo que irá fornecer os dados para a construção teórica? Torna-se pertinente a avaliação de May (2004, p. 43-46) ao afirmar que “os dados não são coletados, mas produzidos”, como também destaca que “os fatos não falam por si mesmos. Assim, precisamos do relacionamento recíproco entre teoria e prática, para a pesquisa social desenvolver-se intelectualmente e ser útil para entender e explicar o mundo social”.

Desde então, May (2004) sustenta que teoria social e pesquisa social devem estar imbricadas em uma relação de complementaridade e interdependência. Expressa não ser sensato atribuir a primazia de uma sobre a outra. A teoria auxilia na interpretação dos dados empíricos como também pode iluminar o processo da pesquisa. O autor sinaliza para uma “relação de duas vias na qual há um desafio tanto para as idéias quanto para as práticas” (op.cit., p. 46). Nesse sentido, refuta a concepção de um paradigma teórico hermético como também a oposição dogmática entre os métodos qualitativos e quantitativos. Afirma que para pensar o mundo social é necessário estar atento às diversas possibilidades teóricas e práticas a partir da escolha do objeto da pesquisa. É o objeto, ou melhor, é o problema formulado sobre o objeto - como sinaliza Quivy (1998) que irá indicar a trajetória do pesquisador.

As teorias sociais monolíticas e as abordagens unidimensionais de pesquisa não podem explicar o funcionamento das sociedades ou entender as relações sociais plenamente. Ao invés, temos um relacionamento constante entre a teoria e a pesquisa social no qual ambas são modificadas pela combinação de reflexão, experiência e prática (MAY, 2004, p. 44).

## **2 A entrevista como método qualitativo: fontes orais**

Pode-se afirmar que a pesquisa social se norteia por evidências teóricas e empíricas para a produção de sentidos. A tradição qualitativa se orienta na construção de dados sobre percepções, ações, crenças e valores que podem ser interpretados pelos pesquisadores a partir da utilização de diferentes abordagens.

Nessa perspectiva, será destacada a entrevista como um dos procedimentos metodológicos utilizados pelo modelo qualitativo na produção de dados na pesquisa social. A necessidade de obter respostas de indivíduos ou grupos, através de entrevistas, não é uma peculiaridade da metodologia qualitativa. Os métodos estatísticos se utilizam de questionários, técnicas de amostragem, *survey*, dentre outros procedimentos. No entanto, a pesquisa qualitativa – quando faz uso das técnicas de entrevista – necessita expandir o universo das questões fechadas, provenientes do método quantitativo, na busca por respostas de maior profundidade. Pode-se destacar como exemplos de metodologia qualitativa vinculados às fontes orais: o grupo focal, a observação participante, a etnografia, as histórias de vida, as entrevistas temáticas etc.

Colognese e Melo (1998, p. 143) definem a entrevista como “um processo de interação social, no qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do

entrevistado”. No entanto, não é uma conversa solta, mas com um direcionamento visando apreender dados que possam ser interpretados mediante o problema formulado a partir do objeto da pesquisa. Os autores apontam da abrangência das técnicas de entrevista e as classificam quanto à padronização, à natureza das informações, aos informantes, ao nível do controle e à elaboração do roteiro. May (2004) também registra que existem quatro tipos de entrevistas empregadas na pesquisa social: entrevista estruturada associada ao *survey*; a entrevista semi-estruturada; a entrevista não-estruturada ou focalizada e a entrevista em formato de grupo e a de grupo focal.

Desse modo, a entrevista apresenta-se em várias tipologias e com métodos distintos que são utilizados conforme o problema e o objeto pesquisado. No entanto, não serão pormenorizados aqui os detalhes classificatórios, já que o principal objetivo se concentra em caracterizar a história oral como inscrita na técnica da entrevista.

Os principais questionamentos implicados a essa metodologia de pesquisa são examinados por May (2004) sobre o papel do entrevistador, isto é, até quando ele influencia as respostas do entrevistado? Existe neutralidade na entrevista? Como as informações coletadas podem ser afetadas pelo perfil de ambos no que concerne à linguagem, idade, raça ou sexo? Entretanto, essas interrogações parecem um tanto superadas devido aos esclarecimentos enunciados em ampla literatura acadêmica, como por exemplo, Becker (1999) e Neves (2006). Sucede que, há muito tempo que se compartilha da legitimidade metodológica das entrevistas na articulação entre trajetória de vida e subjetividades com o recorte temporal e contexto sociocultural analisados.

Vale reafirmar o caráter de interação social atribuído à entrevista no qual “significa admitir que cada indivíduo é influenciado e influencia o outro, age e reage de variados modos, produzindo alterações sobre o curso do diálogo, sobre as reações dos entrevistados e sobre os protocolos dos resultados obtidos pelo entrevistador” (BERGER apud COLOGNESE, 1998, p. 148). Nesse sentido, as críticas e limitações atribuídas a essa metodologia implicam na renúncia da objetividade e na validade relativa a partir daquele contexto específico. No entanto, Colognese e Melo (1998, p. 149) registram que não se deve “considerar apenas o comportamento na situação da entrevista, mas também suas situações e posições no contexto geral das relações sociais”. Os autores também discutem sobre o caráter generalizante da entrevista e concluem que “os resultados que se originam de entrevistas não podem ser generalizados como características de

comportamento e consciência, independentes das interconexões das condições sociais que preformam os seus possíveis resultados” (op.cit.). Neves (2006) sinaliza que os dados produzidos pelas fontes orais representam depoimentos particulares de processos coletivos e atribui que a história oral é caracterizada pela sua singularidade, portanto não-generalizante, embora conectada com as representações sociais e coletivas.

Um ponto importante percebido pelos autores é a entrevista, enquanto processo de interação social, apresenta-se na forma de interação verbal desigual, isto é, na maioria das vezes, não há um nivelamento entre contexto social e universo linguístico na relação entre entrevistador e entrevistado, podendo assim, acarretar discursos vazios e equivocados quanto à produção dos dados (COLOGNESE; MELO, 1998, p. 150). Também merece registro a intencionalidade das perguntas visando respostas que se transformem em dados essenciais para o pesquisador. No entanto, a resposta pode aparecer com pouca espontaneidade e certas omissões.

A análise das entrevistas é outro aspecto que merece atenção. May (2004) descreve que nas entrevistas podem ser utilizados – como recursos de captação – o gravador ou as anotações. Alega que o gravador tem vantagens e desvantagens, isto é, além das transcrições serem trabalhosas, pode inibir o entrevistado. Todavia, o ponto favorável é que o gravador evita que as atenções do entrevistador se dividam entre o entrevistado e as anotações escritas, permitindo observação mais criteriosa mediante reações, gestos e expressões do entrevistado na medida em que as temáticas são abordadas. Desse modo, pode-se afirmar que a etapa após a entrevista é a mais difícil, pois além de transcrevê-la ou de escutá-la, é necessário interpretá-la. Para isso, o pesquisador social deve ficar atento em utilizar seus procedimentos adequados neste leque variado de alternativas.

Os dados derivados das entrevistas não são simplesmente peças de informação precisas ou distorcidas, mas fornecem ao pesquisador meios de analisar os modos pelos quais as pessoas percebem os eventos e as relações e as razões que oferecem para assim fazê-lo. Todavia, elas são mediadas não apenas pelo entrevistado, mas também pelo entrevistador. São os seus pressupostos na interpretação dos dados que também devem ser objeto de análise (MAY, 2004, p.172).

As entrevistas – como metodologia qualitativa – produzem fontes orais para a pesquisa social e podem ser temáticas ou conectadas às histórias de vida. Neves (2006) aponta que o elemento comum entre as duas tipologias é a articulação com a memória na medida em que as lembranças estimulam o processo de construção e reconstrução das narrativas dos entrevistados.

Desde então, a relação entre história e memória é de grande proximidade para a produção das fontes orais, já que o processo memorialista se compõe pelas dimensões individuais e coletivas. A narrativa tecida pelo indivíduo como uma autobiografia não está desvinculada de um contexto histórico-social específico do passado, permitindo sua inserção e a compreensão da coletividade.

A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis – temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções (NEVES, 2006, p. 16)

No entanto, esse recuo ao passado é produzido no tempo presente da entrevista, no qual o olhar e as percepções estão mais distantes. O entrevistador deve perceber essa ponderação e tratar isso como um desafio para não cair em interpretações enviesadas.

Becker (1999) esclarece que não se pode confundir a história de vida com uma autobiografia, embora ambas se inscrevam em um processo narrativo. A autobiografia se caracteriza pelo comprometimento do autor com sua história pessoal de modo a selecionar o que melhor lhe convém a ser revelado. A história de vida se aproxima dos objetivos do pesquisador em tentar captar significados e interpretações para acontecimentos, movimentos e ações individuais ou coletivas. Becker (1999) registra que esse procedimento tem sido empregado desde os anos 1920 pela Escola de Chicago em estudos etnográficos urbanos e em casos específicos baseados na psicologia social. Aponta que “a história de vida pode ser particularmente útil para nos fornecer uma visão do lado subjetivo de processos institucionais muito estudados” (op.cit., p. 108). A imagem de mosaico é trabalhada pelo autor para a utilização das fontes orais na pesquisa social, sobretudo, em se tratando da trajetória de vida. Isto é, esclarecer como as fontes orais podem se articular às outras fontes documentais e procedimentos da pesquisa.

Retomando a relação entre história e memória<sup>2</sup>, Neves (2006) constata que a história oral é o registro de depoimentos sobre a história vivida. As técnicas para obtenção de fontes orais

---

<sup>2</sup> Os autores Bosi (1979), Halbwachs (1990) e Le Goff (1999), dentre outros em ampla literatura acadêmica que percorre a História e as Ciências Sociais, fornecem maior sustentação sobre a temática “Historia e memória”, já que este artigo recorre a esta abordagem de forma introdutória.



podem compor o processo de rememoração do depoente: músicas, cartas, fotografias, imagens e documentos são utilizados pelo entrevistador para estimular as lembranças e produzir os dados que procura.

A memória é um subsídio importante para que as entrevistas possam contribuir para a pesquisa social e histórica. Através da lembrança, sustentada pela memória individual, pode-se perceber a articulação com a memória coletiva. A impressão e a percepção de um indivíduo sobre determinado acontecimento, época, espaço, movimento etc. pode esclarecer a representação coletiva ou como sugere Becker (1999), na reunião de peças para composição do mosaico da pesquisa.

Todavia, o pesquisador deve estar atento para perceber que o ato de rememorar o passado encontra-se vinculado ao presente da entrevista, portanto, em contexto distante e com novas percepções do depoente. Nesse sentido, Neves (2006, p.18) considera esse um desafio para o pesquisador, já que “fala-se em um tempo sobre outro tempo, registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje”.

Outros desafios da história oral são descritos por Neves (2006) quanto à limitação de se aplicar essa metodologia somente ao tempo contemporâneo devido à existência de pessoas vivas para depor sobre um passado recente. Também aponta a subjetividade do depoimento e da sua interpretação; a transcrição da entrevista pode sofrer influência involuntária do depoimento oral. Devido à complexidade da história oral, existem outras limitações e desafios mais abrangentes.

As entrevistas podem ser temáticas ou se orientar pela história de vida. Esta última tipologia, segundo Neves (2006) pode variar a partir de *depoimento biográfico único*, no qual se concentra em um ator social; *pesquisa biográfica múltipla*, na coleta de depoimentos de vários personagens e atores sociais e a *pesquisa biográfica complementar*, cujo foco central não é a oralidade, mas um complemento aos outros procedimentos metodológicos. No entanto, esses depoimentos se caracterizam – além de *roteiros abertos*, *semi-estruturados* ou *estruturados*, conforme já registrado neste trabalho por May (2004), pela profundidade e pelo tempo que pode variar bastante a partir de vários fatores: disponibilidade, caráter prolixo da conversa, condições emocionais e de saúde do entrevistado.

As entrevistas temáticas se orientam pela necessidade de desdobramentos e vínculos entre entrevistados, isto é, ao se entrevistar um ator social de um movimento específico, pode haver a

necessidade de se entrevistar outros componentes desse mesmo movimento, agremiação ou grupo sobre o mesmo tema e que possam nortear as características, repercussões ou direcionamentos que estão sendo investigados pelo pesquisador.

As etapas e procedimentos da entrevista devem ser planejados pelo entrevistador. A forma de conduzir esse processo metodológico pressupõe habilidades que o pesquisador deve seguir como o respeito às características próprias do entrevistado, além de suas limitações, enfermidades e compromissos que dificultam os encontros. Atribui-se ao entrevistador, domínio prévio da temática para maior eficácia durante a entrevista, ou seja, situar seu problema de investigação no decorrer da entrevista. Para isso, a definição do objeto de estudo e de seu problema a ser investigado deve anteceder a entrevista, mas não evita que outros problemas e objetos possam surgir no decorrer desse procedimento.

A história oral é um procedimento integrado a uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram de processos históricos ou testemunharam acontecimentos no âmbito da vida privada ou coletiva (NEVES, 2006, p. 18).

A relação de confiança entre entrevistado e depoente também é essencial para o bom andamento da entrevista e a possível construção de fontes orais que atendam aos objetivos do pesquisador. Nesse sentido, as fontes orais se inscrevem em importante metodologia empregada na pesquisa qualitativa no âmbito das Ciências Sociais.

### **Considerações finais**

Desse modo, de forma breve e sucinta, este artigo descreveu algumas abordagens sobre a pesquisa e os métodos das Ciências Sociais. Devido à complexidade do mundo social torna-se incoerente empregar modelos herméticos e dogmáticos no processo de pesquisa. Também a relação entre teoria e prática, os desafios metodológicos e seus direcionamentos foram discutidos neste texto, sobretudo, a relação de complementaridade e de interdependência entre a teoria social e a pesquisa empírica. Situou a entrevista como fonte oral e como uma das inúmeras tipologias utilizadas pela metodologia qualitativa e apontou alguns de seus procedimentos, de suas técnicas, de suas potencialidades, de suas limitações e de seus desafios.

**REFERÊNCIAS**

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. 4.ed., São Paulo: Hucitec, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

BOUDON, Raymond. **Os métodos em sociologia**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

COLOGNESE, Silvio Antonio; MELO, José Luiz Bica. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**. v. 9, Porto Alegre: UFRGS, 1998, p.143-159.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laís Benoir, Rio de Janeiro: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 1999.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. 3.ed. Trad. Carlos A. Silveira. Porto Alegre: Artmed, 2004.

NEVES, Lucília de Almeida. **Historia oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1998.

TARRÉS, María Luisa. Lo cualitativo como tradición. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Observar, escuchar y comprender**: sobre la tradición cualitativa en la investigación social. México: FLACSO / El Colegio de México, 2004.